



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

Literatura



William Shakespeare

A Comédia dos Erros

Tradução
Carlos Alberto Nunes



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

A Comédia dos erros
William Shakespeare

Tradução
Carlos Alberto Nunes
(1897—1990)

Atualização ortográfica e projeto gráfico
Iba Mendes

Editado a partir da edição de "Ridendo Castigat Mores" e versão de "eBooksBrasil.org", confrontando-se com a publicação das Edições Melhoramentos: "Obras completas de Shakespeare".

Livro Digital nº 805 - 1ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Estrangeira.

William Shakespeare
(1564—1616)



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

A COMÉDIA DOS ERROS



PERSONAGENS:

SOLINO (Duque de Éfeso)

EGEU (mercador de Siracusa)

ANTÍFOLO DE ÉFESO (filho de Egeu e de Emília)

ANTÍFOLO DE SIRACUSA (filho de Egeu e de Emília)

DRÔMIO DE ÉFESO (criado dos dois Antífolos)

DRÔMIO DE SIRACUSA (criado dos dois Antífolos)

BALTASAR (mercador)

ÂNGELO (ourives)

Um mercador (amigo de Antífolo de Siracusa)

Um segundo mercador (de quem Ângelo é devedor)

PINCH (mestre-escola e exorcista)

EMÍLIA (esposa de Egeu, abadessa em Éfeso)

ADRIANA (esposa de Antífolo de Éfeso)

LUCIANA (sua irmã)

LÚCIA (criada de Adriana)

UMA CORTESÃ.

O carcereiro, oficiais de justiça e gente do séquito.

ATO I

CENA I

Uma sala no palácio do duque. Entram o duque, Egeu, carcereiro, oficiais e séquito.

EGEU

Vamos, Solino; apressa a minha queda; de mim, com a morte, este martírio arreda.

DUQUE

Cala-te, mercador de Siracusa; parcial não posso ser no que respeita à aplicação da lei. A inimizade e a luta decorrente dos ultrajes inomináveis que, de pouco, o vosso duque infligiu aos nossos compatriotas, honrados mercadores que, por falta de florins com que as vidas resgatassem, selaram seus decretos ominosos com o próprio sangue, excluem qualquer réstia de piedade de nosso olhar terrível. Desde os mortais conflitos intestinos, surgidos entre os vossos compatriotas sediciosos e nós, foi decretado em sínodos solenes, não só pelos siracusanos como por nós próprios, que não se admitiria nenhum tráfico entre as duas cidades inimigas. Mais, ainda: se alguém, nascido em Éfeso, em feiras ou mercados fosse visto de Siracusa, ou, ainda, se um nativo siracusano viesse ter ao porto de Éfeso, morreria e seus bens todos seriam confiscados pelo duque, a menos que mil marcos nos pagasse, para se resgatar e ficar livre da pena cominada. Ora, o mais alto cômputo de teus bens escassamente chega a cem marcos. Desse modo te achas, por nossas leis, à morte condenado.

EGEU

Consola-me saber que o teu decreto hoje põe fim ao meu viver inquieto.

DUQUE

Está bem. Ora quero que nos digas, siracusano, sem rodeio inútil, por que de tua pátria te afastaste e o motivo de estares ora em Éfeso.

EGEU

Mais pesada tarefa não podia ser-me imposta do que isso de contar-te minha dor indizível. No entretanto, porque dar testemunho possa o mundo de que meu triste fim não foi causado por falta vergonhosa, mas por puro sentimento paterno, vou dizer-te quanto me permitir minha tristeza. Nasci em Siracusa, onde uma esposa soube escolher, que em mim teria achado toda a felicidade, como eu nela, se não nos fosse adverso o duro fado. Vivíamos felizes; em aumento ia nossa fortuna, por frequentes e frutuosas viagens que a Epidamno costumava eu fazer. Mas o trespasso do meu feitor, na obrigação premente me pôs de dirigir os bens dispersos, dos braços

carinhosos me arrancando de minha terna esposa. Minha ausência não durara seis meses, quando — quase desfalecida pela doce pena da herança feminina — ela já tinha tomado todas as medidas, para se me juntar, havendo sã e salva chegado onde eu me achava. Muito tempo não se passou sem que ela se tornasse mãe de dois belos filhos, de tal modo parecidos — oh fato extraordinário! — que só se distinguiam pelos nomes. Na mesma hora, na mesma hospedaria, uma mulher do povo de igual fardo se livrou, dando à luz dois filhos gêmeos também mui parecidos, que por serem de gente muito pobre eu comprei logo, para que a servir viessem meus dois filhos. Muito orgulhosa de seus dois pimpolhos, falava diariamente minha esposa em voltar para casa. A contragosto fiz-lhe a vontade, mas, aí! muito cedo nos embarcamos. Uma légua viajamos de Epidamno sem que o mar, sempre aos ventos obediente, qualquer trágico indício nos mostrasse de nossa má ventura. Muito tempo, contudo, não ficamos animados, porque o pouco de luz quase apagada que o céu nos enviava, só servia para levar a nossas almas tímidas mensagem certa de uma morte próxima. Eu, de mim, a aceitara alegremente; mas as lamentações de minha esposa, que, à só ideia do perigo imano, chorava sem cessar, e os lastimosos gritos dos dois meninos amáveis, que por moda choravam, pois não tinham consciência do perigo, me forçaram a procurar adiar o fim de todos, pois outra expectativa era impossível. Ao barco os marinheiros se acolheram, deixando-nos o casco do navio prestes a se afundar. Minha consorte, mais cuidadosa do último nascido, o havia atado a um mastro de reserva de que os marujos sempre andam providos, para enfrentar os temporais defeitos. A ele um dos outros gêmeos foi atado, enquanto dos demais eu me ocupava. Dispostos desse modo os nossos filhos, eu e minha mulher, fixos os olhos em quem fixo o cuidado sempre tínhamos, nos atamos, também, nas duas pontas do alto mastro, e ao sabor, sempre, das ondas, na direção seguimos de Corinto, conforme imaginávamos. Por último, a dardejar os raios sobre a terra, desfez o sol a névoa causadora de todo o nosso mal, deixando calmas de novo as ondas, pela ação benéfica de sua luz por que tanto anelávamos o que nos permitiu ver dois navios que para nós, com pressa, velejavam: um de Corinto, de Epidamno o outro. Mas antes de até nós eles chegarem... Oh!

Nada mais direi. Deduze o resto, ante o que sabes do meu fado mesto.

DUQUE

Adiante, velho! Acaba a tua história. Despertas-nos piedade, muito embora conceder-te perdão seja impossível.

EGEU

Oh! Se os deuses assim tivessem sido, agora eu acusá-los não pudera de nos terem tratado cruelmente, pois distantes de nós não se encontravam dez léguas os dois barcos, quando fomos dar de encontro a um penedo imano e a pique, com tal força, que a nossa esperançosa nau se despedaçou, e de tal modo se processou nosso divórcio injusto, que a cada um de nós deixou a Fortuna o com que se alegrar e lastimar-se. A parte em que se achava minha esposa — pobre alma! — ao parecer com menos peso, mas com igual desdita, foi levada com mais velocidade pelos ventos, tendo sido eles três à nossa vista salvos por pescadores de Corinto, conforme então pensamos. Finalmente, a bordo nos tomou outro navio. Ao ficarem sabendo seus marujos a quem haviam salvo por acaso, deram boa acolhida aos pobres náufragos; e a presa, porventura, aos pescadores teriam retomado, se não fosse terem o barco de moroso curso. Por isso, navegaram rumo à pátria. Sabeis agora como eu fui privado de toda a minha dita, como os fados adversos minha vida prolongaram, para eu contar a minha triste história.

DUQUE

Agora, pelo amor dos que lastimas, faze-me o obséquio de contar por miúdo tudo o que eles e tu haveis passado.

EGEU

Meu caçula, o mais velho nos cuidados, aos dezoito anos revelou desejo de procurar o irmão, tendo insistido junto de mim, para que seu criado — que, como ele, privado também fora de um irmão cujo nome ele levava — nas investigações o acompanhasse. Assim, porque sofria de saudades de meu filho perdido, pus em risco vir a perder o que ainda me restava. Cinco estios passei na extrema

Grécia; vasculhei os confins da Ásia distante; e, ao costear, já de volta para a pátria, a Éfeso vim ter, sem esperança nenhuma, é certo, de poder achá-los, mas porque não deixasse inexplorado nenhum lugar capaz de abrigar homens. Da minha vida a história aqui termina. Na morte prematura me julgara muito feliz ainda assim, se ao cabo de tão longas viagens obtivesse a certeza de que eles ainda vivem.

DUQUE

Mísero Egeu, que destinado foste para experimentar o grau mais alto de uma vida infeliz! Mas podes crer-me: não fosse ir contra a lei, minha coroa, a própria dignidade, os juramentos — que violar nunca os príncipes se atrevem, muito embora o desejem — neste peito tua causa encontrara um advogado. Mas muito embora condenado te aches e a sentença de morte não me seja possível revocar sem grande dano para nossa honra, vou favorecer-te naquilo que puder. Por essa causa, mercador, eu te dou mais este dia para auxílio amigável angariares, que a vida te resgate. Experimenta os amigos que em Éfeso tiveres. Toma emprestado, pede esmola e vive, depois de perfazeres a quantia. Caso contrário, morrerás; é lei. Deixo-o sob tua guarda, carcereiro.

CARCEREIRO

Pois não, milorde.

EGEU

Pobre, sem esperança, Egeu só lida para o fim postergar da triste vida. (*Saem*)

CENA II

O mercado. Entram Antífolo de Siracusa, Drômio de Siracusa e um mercador.

MERCADOR

Deveis dizer, por isso, que nascestes em Epidamno, para vos livrardes de ficar com os bens todos confiscados. Ainda hoje, um

mercador de Siracusa foi preso, por haver desembarcado, e, porque a vida resgatar não pôde, há de, acorde com a lei desta cidade, vir a morrer, antes que o sol no ocaso fatigado se deite. Eis o dinheiro que em confiança me destes, ainda há pouco.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Drômio, leva-o ao Centauro, onde pousamos, e lá te deixa estar até que eu chegue. Para o jantar ainda falta uma hora; verei, enquanto espero, os mercadores, estudarei os usos da cidade e observarei seus belos edifícios. Depois, de volta para a hospedaria, pretendo repousar, que a longa viagem me deixou lasso e exausto. Vai depressa.

DRÔMIO DE SIRACUSA

Muita gente talvez tomasse à risca quanto dizeis e se pusesse ao fresco carregando tesouro tão opimo. (*Sai*)

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

É um criado alegre, meu senhor, que muitas vezes, quando estou cheio de cuidados e de melancolia, me dissipa todo o humor com seus ditos prazenteiros. Ireis passear comigo na cidade, para depois jantarmos na estalagem?

MERCADOR

Não, meu caro senhor; fui convidado por certos mercadores, com os quais conto realizar bons negócios. Desculpai-me. Mas às cinco horas nos encontraremos no mercado, se a ideia vos agrada, podendo, após, fazer-vos companhia até a hora de deitar. Negócio urgente me força a vos deixar por uns instantes.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Então até mais tarde; sem destino vou distrair-me a ver vossa cidade.

MERCADOR

Ao vosso bem-estar vos deixo entregue. (*Sai*)

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Quem ao meu bem-estar me deixa entregue, faz entrega de todo em todo inútil, pois é do que careço. Sou no mundo como uma gota de água que à procura de outra gota no oceano se encontrasse, e que, ao cair ali, toda desejos de achar a companheira, desaparece na busca, sem ser vista. Assim, comigo: para um irmão e minha mãe achar — pobre de mim! — me perco a procurá-los. (*Entra Drômio de Éfeso*) Eis outra vez meu almanaque vivo. Que é que há? Por que voltaste assim tão cedo?

DRÔMIO DE ÉFESO

Tão cedo? Perguntai por que tão tarde. O capão já tostou; caiu do espeto, de tanto ser virada, a bacorinha; já o relógio da torre deu doze horas e a patroa me deu uma no rosto; quente ela está por causa da comida que esfriou; a comida ficou fria por não terdes voltado para casa; não voltaste porque não tendes fome; não tendes fome por comido haverdes. Nós, porém, a jejuar nos encontramos; por vossa culpa em penitência andamos.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Detende esses pulmões, senhor: dissei-me onde está minha bolsa com o dinheiro.

DRÔMIO DE ÉFESO

Oh! Aqueles seis pences que me destes na última quarta-feira com o encargo de pagar o conserto do rabicho da patroa? Ao seleiro os dei, senhor; não costumo furtar coisa nenhuma.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Não estou hoje para brincadeiras. Deixa de lado as graças e me dize, sem subterfúgios, onde está o dinheiro. Sendo nós estrangeiros na cidade, como te mostras tão remisso, ousando separar-te de soma tão vultosa?

DRÔMIO DE ÉFESO

Por obséquio, senhor, deixai as graças para a hora do jantar. Vim procurar-vos como correio, de ordem da senhora; se sem vós eu

voltar, é coisa certa meter-me na correia, que ela as vossas faltas há de gravar na minha pele. Penso que deveríeis ter no estômago, como eu, relógio certo, para a casa vos chamar, sem haver necessidade de nenhum mensageiro ou de recados.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Para com isso, Drômio; essas graçolas vêm fora de propósito. Reserva-as para hora mais alegre. Onde puseste o ouro que te confiei?

DRÔMIO DE ÉFESO

A mim, senhor? Não sei de ouro nenhum que me entregásseis.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Vamos, senhor velhaco, acabai logo com essas maluquices, e dizei-me de que modo a incumbência foi cumprida.

DRÔMIO DE ÉFESO

Minha incumbência constitui apenas em vos vir procurar até o mercado e vos levar, senhor, a casa, à Fênix, para jantar. Por vós já estão à espera minha senhora e a irmã.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Ora, tão certo como eu ser batizado, me responde onde puseste a salvo o meu dinheiro; se não, te quebrarei essa cabeça jocosa, que só cuida de pilhérias, quando me acho indisposto. Dize logo: em que lugar puseste os meus mil marcos?

DRÔMIO DE ÉFESO

Marcas vossas eu tenho na cabeça; nos ombros tenho marcas da patroa; mas, reunidas, mil marcos não perfazem. Se forçado eu me visse a restituí-las a Vossa Senhoria, é bem possível que não as recebêsseis com paciência.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Tua patroa? Que patroa, escravo?

DRÔMIO DE ÉFESO

A senhora de Vossa Senhoria, minha patroa da estalagem Fênix, a mesma que jejua à vossa espera, para jantar e que vos pede, instante, irdes jantar com ela neste instante.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Como! Zombas de mim na minha frente, conquanto eu to proibisse? Então toma isto. (*Bate-lhe*)

DRÔMIO DE ÉFESO

Senhor, que pretendeis? A mão detende, por piedade! Se não, dos pés me valho. (*Sai*)

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Sou capaz de jurar que esse malandro foi logrado e perdeu todo o dinheiro. Dizem que esta cidade abunda em fraudes, em escamoteadores astuciosos, feiticeiros noturnos que os sentidos confundem das pessoas, negras bruxas que matam a alma e o corpo informe deixam, charlatães convincentes, disfarçados embusteiros e muitos pecadores quejandos. Se tudo isso for verdade, não ficarei aqui. Vou ao Centauro dar outra coça nesse bandoleiro; temo que haja perdido o meu dinheiro. (*Sai*)

ATO II

CENA I

Casa de Antífolo de Éfeso. Entram Adriana e Luciana.

ADRIANA

Nem vem o meu marido nem o escravo que eu incumbi de o procurar com pressa. Devem ser duas horas, Luciana.

LUCIANA

Talvez tenha sido ele convidado por algum mercador e, do mercado, tivesse ido jantar em qualquer parte. Mana, vamos comer; não te

amofines. Da liberdade os homens são senhores; o tempo é o mestre deles; vão e vêm, conforme o tempo o enseja. Sê paciente.

ADRIANA

Por que hão de ser mais livres do que nós?

LUCIANA

Porque fora de casa têm negócios.

ADRIANA

Se com ele desta arte eu procedesse, ficaria zangado.

LUCIANA

Não ignoras que da tua vontade é freio o esposo.

ADRIANA

Frear se deixam tão somente os asnos.

LUCIANA

A liberdade indócil é domada pela própria desgraça. Não há nada sob a vista do céu que não se mova num limite restrito, assim na terra como no ar e no mar. Todas as fêmeas dos animais, dos pássaros, dos peixes seguem ao macho e em tudo lhe obedecem. O homem, ser mais divino, senhor deles, dono do mundo todo, do mar vasto, que a superioridade do intelecto pós acima de pássaros e peixes, da esposa é dono e mestre. Assim, alegre, com ele em tudo concordar te cumpre.

ADRIANA

Tanta humildade condiz mais com freira.

LUCIANA

O medo é que me faz ficar solteira.

ADRIANA

Casada, talvez fosses uma harpia.

LUCIANA

A obedecer, de noiva aprenderia.

ADRIANA

Se teu esposo a outra mulher amasse?

LUCIANA

Em casa aguardaria o desenlace.

ADRIANA

Sem ser provada, a paciência dura; calma é quem vive livre de tortura. Ao infeliz que a adversidade oprime é fácil animar num tom sublime; mas se igual fardo no ombro nos pesasse, nossa calma tomara-se falace. Por não teres marido que te oprima é que me fazes essa pantomima; mas se chegasses a te ver burlada, tua paciência acabaria em nada.

LUCIANA

Hei de casar-me para ver se acerto. Eis o criado; o patrão deve andar perto.

(Entra Drômio de Éfeso)

ADRIANA

Dizei se o vosso retardado mestre ao alcance da mão por fim se encontra.

DRÔMIO DE ÉFESO

Fui eu que fiquei ao alcance das mãos dele, como dão testemunho as minhas orelhas.

ADRIANA

Não lhe falaste? Não te disse, acaso, qual a sua intenção?

DRÔMIO DE ÉFESO

Disse-me tudo quanto quis, mas foi muito ao pé do ouvido. Maldita mão! Não pude entender nada.

LUCIANA

Expressou-se por maneira tão ambígua, que não entendeste o que ele queria dizer?

DRÔMIO DE ÉFESO

Expressou-se por maneira tão clara, que pude sentir perfeitamente as pancadas, mas, apesar disso, por maneira tão ambígua, que mal pude compreender-lhes o alcance.

ADRIANA

Mas dize: não vem logo para casa? Não quer deixar a esposa satisfeita?

DRÔMIO DE ÉFESO

Doido cornudo é o que ele me parece.

ADRIANA

Doido cornudo, biltre?

DRÔMIO DE ÉFESO

Cornudo por ser doido, simplesmente. Mas que está doido, é certo. Eram já horas, lhe disse, de jantar. Sua resposta foi reclamar de mim mil marcos de ouro. "Jantar!" gritei. "Meu ouro!" respondeu-me. "A carne está a queimar!" disse. "Meu Ouro!" respondeu. "Demorais ainda na rua?" lhe perguntei. "Meu ouro!" respondeu-me. "Onde estão os mil marcos, sem-vergonha, que eu te dei?" "A leitoa está no ponto de esturricar!" lhe disse. "Meu dinheiro!" me respondeu. "Minha senhora..." disse-lhe. "Que se enforque!" disse ele; "não conheço senhora alguma! O diabo que a carregue!"

LUCIANA

Quem falou isso?

DRÔMIO DE ÉFESO

Meu patrão, senhora. "Não tenho casa, esposa, nem patroa", berrou-me ele cem vezes. Desse modo minha mensagem, que cabia à língua

dizer no tempo certo, graças a ele torno a trazer nos ombros para casa, pois neles recebi tunda de mestre.

ADRIANA

Volta, maroto, e traze-o para casa.

DRÔMIO DE ÉFESO

Voltar para apanhar mais uma coça? Por Deus, mandai um outro mensageiro.

ADRIANA

Volta, malandro! Do contrário a frente te cruzo de pancada.

DRÔMIO DE ÉFESO

Ele há de novas cruces fazer por cima das primeiras. Desta arte me deixais santificado.

ADRIANA

Basta de falatório, grosseirão! Vai buscar teu senhor.

DRÔMIO DE ÉFESO

Serei, acaso, redondo assim, para me dardes ambos pancada sem parar, como se eu fosse bola de futebol? Sem mais nem menos, me aplicais pontapés. A durar isso, tereis de me mandar forrar de couro.
(*Sai*)

LUCIANA

Como a impaciência vos deixou mudada!

ADRIANA

A conversar ficou com a namorada, privando-me de todo o carinho. O encanto já perdi? Feia definho? A culpa é dele só. Tenho a conversa fastidiosa, a alma sempre em tédio imersa? Na indiferença dele se me embota toda a vivacidade, fico idiota. Deixa-me feia, acaso, este vestido? Quem me dirige os bens é o meu marido. Qual a minha ruína, que arruinada não fosse só por ele? Se fanada me encontro é que ele o quis. De um simples riso dele me nasceria um

paraíso. Mas, cervo altivo, ele por longe vaga. De todo o meu amor foi essa a paga.

LUCIANA

O ciúme te maltrata. Deixa disso.

ADRIANA

Tanto sofrer me fez perder o viço. É certo; alhures ele encontra abrigo; se não, por que não para ele comigo? Disse que uma cadeia me daria, bem o sabes. Contudo, eu preferia que ele houvesse esquecido esse presente em troca de comigo estar contente. Desta arte fiel ele ficara ao leito. Sei que as mais belas joias, sem defeito, com o uso o encanto perdem. O próprio ouro se desgasta, em prejuízo do tesouro. Assim, dos homens o impoluto nome a reiterada tentação carcome. Já que a minha beleza não lhe agrada, vou chorar tanto, até vir a ser nada.

LUCIANA

Como o ciúme maltrata esta coitada! (*Saem*)

CENA II

Uma praça pública. Entra Antífolo de Siracusa.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

O dinheiro que a Drômio eu tinha dado se acha na hospedaria do Centauro, tendo saído o cuidadoso escravo para me procurar. Pelo meu cálculo e o que disse o hospedeiro, eu não podia ter falado com Drômio depois da hora em que nos separamos no mercado. Mas eilo que aí vem. (*Entra Drômio de Siracusa*) Então, senhor, já está mais calmo vosso humor jocoso? Repeti, por favor, a brincadeira, se gostais de pancada. A hospedaria do Centauro vos é desconhecida? Não vos dei uma bolsa com dinheiro? Vossa patroa me quer ver em casa, para eu jantar com ela? Então, moramos na hospedaria Fênix? Estás louco, para me responderes desse modo?

DRÔMIO DE SIRACUSA

Quando, senhor, vos respondi tal coisa?

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Agora mesmo, aqui, há meia hora

DRÔMIO DE SIRACUSA

Não vos falei desde a hora em que ao Centauro me mandastes levar vosso dinheiro.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Afirmaste, vilão, que eu não te havia dado dinheiro algum e me falaste de uma mulher e de eu jantar com ela. Mas penso que na pele tens a prova de quanto me alegrou essa notícia.

DRÔMIO DE SIRACUSA

Fico contente por vos ver alegre. Que quer dizer, senhor, essa pilharia?

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Ainda zombas de mim na minha frente? Pensas que é brincadeira? Então toma isto. (*Bate-lhe*)

DRÔMIO DE SIRACUSA

Parai, senhor, por Deus! A brincadeira ficou séria demais. Por que barganha mereci receber essas pancadas?

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Porque acontece eu conversar convosco familiarmente e, para distrair-me, vos fazer de meu bobo, vossa audácia vos leva a exorbitar, até quererdes apalhaar as minhas horas sérias. Quando o sol brilha, as moscas dançam ledas; mas, quando some, logo elas se escondem. Para poderdes discretear comigo será conveniente verme o rosto. Assim, pelos meus olhos, a atitude sabereis escolher. Caso contrário, vos meterei pela cabaça o método.

DRÔMIO DE SIRACUSA

Cabaça lhe chamais? Eu preferia ter cabeça, uma vez que deixasses de a malhar. A continuardes desse jeito, vou procurar uma cabaça para forrar com ela a cabeça e não ter de procurar o espírito nas espáduas. Mas, por obséquio, senhor: por que me bateis?

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Não sabes a causa?

DRÔMIO DE SIRACUSA

Não sei nada, senhor, a não ser que estou a receber pancada.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Desejas que ta revele?

DRÔMIO DE SIRACUSA

Perfeitamente, senhor, e também o seu porquê, pois dizem todos que não há causa sem porquê.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Pois foi porque te riste à minha custa. Agora vejamos o porquê: porque de novo riste de mim, quando eu falava sério.

DRÔMIO DE SIRACUSA

Quem sova igual já tomou? Coisa assim nunca mais me aconteça, pois os porquês que aduzis são porqueiras sem pés nem cabeça. Obrigado, senhor.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Por que obrigado?

DRÔMIO DE SIRACUSA

Ora, senhor, por essa coisa que me destes por coisa nenhuma.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Na próxima vez me corrigirei, dando-te coisa nenhuma por alguma coisa. Mas disse-me, senhor: já são horas de jantar?

DRÔMIO DE SIRACUSA

Não, senhor; a carne ainda não ficou como eu estou.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Como assim, senhor? Que é que lhe falta?

DRÔMIO DE SIRACUSA

Ser batida.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Perfeitamente, senhor; com isso ela ficará seca.

DRÔMIO DE SIRACUSA

Nesse caso, peço-vos não provar bocado.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Vossas razões?

DRÔMIO DE SIRACUSA

Para não ficardes colérico outra vez e não tornardes a me bater.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Então, meu senhor, aprendei a gracejar só quando houver ocasião, porque para tudo há tempo certo.

DRÔMIO DE SIRACUSA

Era o que eu ousaria contestar, antes de haverdes ficado tão colérico.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Em que razões vos firmais, senhor?

DRÔMIO DE SIRACUSA

Ora, senhor, em uma razão tão reluzente como a careca reluzente do velho Tempo.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Vamos ouvi-la, então.

DRÔMIO DE SIRACUSA

Quem é calvo por natureza, em tempo nenhum recupera o cabelo.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Não lhe seria possível conseguir isso por meio de um processo de posse absoluta?

DRÔMIO DE SIRACUSA

Sim, protestando pela posse de uma peruca, para ficar de posse dos cabelos de outra pessoa.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Por que motivo o Tempo é tão sovina de cabelo, quando é certo que este cresce com tanta liberalidade?

DRÔMIO DE SIRACUSA

Isso é bênção que ele reserva aos animais; o que ele nega aos homens em cabelo, dá-lhes em inteligência.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

E por esse motivo que muita gente é dotada de mais cabelo do que inteligência.

DRÔMIO DE SIRACUSA

Mas não há quem tenha inteligência para perder o cabelo.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Concluístes há pouco que as pessoas de muito cabelo são lorpas destituídos de espírito.

DRÔMIO DE SIRACUSA

Quanto mais lorpa, mais cabelo perde; contudo, perde sempre com alegria.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

E a razão disso?

DRÔMIO DE SIRACUSA

São duas as razões, senhor, e ambas de peso.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

De peso é que não devem ser.

DRÔMIO DE SIRACUSA

Razões seguras, pelo menos.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Dize quais são elas.

DRÔMIO DE SIRACUSA

A primeira é economizar o dinheiro que deveria gastar com o penteador; a segunda, ficar livre de lhe cair o cabelo na sopa.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Durante todo esse tempo, queríeis provar que não há tempo para tudo.

DRÔMIO DE SIRACUSA

E consegui-o, senhor, a saber: não há tempo para recuperarmos o cabelo perdido pela natureza.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Mas não apresentaste razão substancial do porquê de não haver tempo de recuperá-lo.

DRÔMIO DE SIRACUSA

Então, corrijo em tempo: por ser calvo o Tempo, há de ter até ao fim do mundo seguidores calvos.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Previa que a conclusão ia ser calva. Mas, devagar: quem é que nos está a fazer sinais dali?

(Entram Adriana e Luciana)

ADRIANA

Sim, sim, Antífolo, o conspecto franze, lança-me olhar severo. A outras mulheres dedica só blandícias. Tua esposa não sou; não sou Adriana. Houve já tempo em que espontaneamente me juravas que nenhuma palavra te era música aos ouvidos, os olhos coisa alguma te distraía, nada te causava prazer ao tacto, ao paladar comida nenhuma te sabia, senão minha fala, e o conspecto meu, o meu contato, e o assado que por minha mão te dava. Que aconteceu, querido esposo, para que estranho, assim, ficasses de ti mesmo? Sim, de ti mesmo, disse, pois te encontras afastado de mim, que inseparável sendo de ti, me considero ainda melhor que a melhor parte de ti mesmo. Pois sabe, meu amor: fora mais fácil no mar deitares uma gota de água para, intacta, depois a recolheres, sem adição nenhuma ou qualquer perda, do que sem mim de mim te retirares. Como ficaras no âmago ferido se, quando nada, alguém fosse contar-te que eu era licenciosa e que este corpo a ti, só, consagrado, ora poluído pela bestial luxúria se encontrava? Em tua indignação, não me cuspiras, aos pés não me calcaras, nestas faces não jogaras o nome de marido, não me rasgaras a manchada cute da fronte infiel, e desta mão perjura a aliança nupcial não arrancaras, com a maldição quebrando-a do divórcio? Sei que o farias. Pois então não tardes: a mancha do adultério em mim se alastra; trago no sangue o crime da luxúria, pois se ambos somos um, e prevaricas, na carne trago todo o teu veneno, por teu contágio me tornando impura. Ao nosso leito, pois, sê infiel aliado; só assim serei pura e tu honrado.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Falais comigo, mui graciosa dama? Não vos conheço, pois há duas horas que a Éfeso cheguei, tão estrangeiro à cidade como a isso que dissestes. Sou de espírito parco de recursos para entender sequer vossos discursos.

LUCIANA

Ora, irmão! Pode o mundo mudar tanto? Quando a mana trataste desse modo? Ela mandara te chamar por Drômio...

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Por Drômio?

DRÔMIO DE SIRACUSA

Por mim?

ADRIANA

Por ti... E esta resposta me trouxeste: que ele te esbofeteara e, com seus golpes, dissera não ser dele a minha casa e que eu consorte sua jamais fora.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Conversaste, senhor, com esta senhora? Qual a intenção de toda esta conjura?

DRÔMIO DE SIRACUSA

Eu, senhor? Nunca a vi até este instante.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Mentes, vilão! Que há pouco, no mercado, me transmitiste esse recado mesmo.

DRÔMIO DE SIRACUSA

Eu nunca lhe falei em toda a vida.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Como sabe ela, então o nosso nome? Só se é inspiração.

ADRIANA

Como desdiz de tanta gravidade desta arte conchavar com vosso escravo e espicaçá-lo a me fazer pirraças! Seja embora eu culpada de tudo isso, não me façais assim tão mau serviço, aumentando com vossa zombaria a imensa dor que a vida me abrevia. De vós não mais me afastarei... Oh! Ride! Sois o olmo, meu marido; eu, vossa

vide, cuja fraqueza à vossa força aliada em rijeza transforma-se acendrada. Entre nós não há linha divisória, se não for, tão somente, a vil escória da turba parasita: erva daninha, musgo e o mais que no tronco cresce asinha, e que, por falta de desbaste e corte, te causa confusão e te dá morte.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Fala comigo; sinto-me abalado... Em sonhos, pois, tê-la-ia desposado? Ou durmo, ainda, e penso ouvir tudo isto, julgando ver o que jamais hei visto? Enquanto certa for esta incerteza, deterei a ilusão com mais firmeza. Ou durmo, ainda, e penso ouvir tudo isto, julgando ver o que jamais hei visto? Enquanto certa for esta incerteza, deterei a ilusão com mais firmeza.

LUCIANA

Drômio, vai pôr a mesa com os criados.

DRÔMIO DE SIRACUSA

Ó Deus do céu, perdoai os meus pecados! Estamos num país de fadas lindas, de elfos, corujas, de ilusões infindas. Façamos-lhe a vontade; do contrário, nos chupa o sangue espírito nefário.

LUCIANA

Por que não andas, peste? Vamos, Drômio; não me mudes a casa em manicômio.

DRÔMIO DE SIRACUSA

Fui transformado, mestre? Eu não sou eu?

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Foste, sim; eu também já não sou eu.

DRÔMIO DE SIRACUSA

Não valho, como gente, um só pataco.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

A forma ainda conservas.

DRÔMIO DE SIRACUSA

De macaco.

LUCIANA

Se em algo te mudaste, foi em burro.

DRÔMIO DE SIRACUSA

É certo; ela me dá capim e eu zurro. Se habituado eu não fosse a levar sela, saberia também o nome dela.

ADRIANA

Basta! Basta! Não mais hei de portar-me como uma tola, que a mão leva aos olhos para chorar, enquanto o amo e o criado de minha dor se riem. Já está pronto, senhor, nosso jantar. Drômio, de guarda ficarás no portão. Hoje, marido, jantaremos em cima; hei de obrigá-vos a me contar as vossas peraltices. Ouve, malandro: caso alguém procure teu patrão, dize que ele jantou fora. Veda a todos a entrada. Mana, vamos. Drômio, tu ficarás como porteiro.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA (*à parte*)

Isto é céu, terra, ou inferno verdadeiro? Durmo ou velo? Sou louco ou tenho juízo? Meu nome ela repete com um sorriso. Pouco importa; vejamos se isto dura; com ela embarcarei nesta aventura.

DRÔMIO DE SIRACUSA

Mestre, é força que eu faça de porteiro?

ADRIANA

Se queres conservar o coco inteiro.

LUCIANA

Vamos, Antífolo; o jantar primeiro. (*Saem*)

ATO III

CENA I

Diante da casa de Antífolo de Éfeso. Entram Antífolo de Éfeso, Drômio de Éfeso. Ângelo e Baltasar.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Desculpai-me, meu caro senhor Ângelo, mas minha esposa fica atrabiliária, quando fora de casa eu me demoro. Dizei-lhe que ficamos distraídos na oficina, a admirar vossa perícia, na confecção de sua gargantilha, que amanhã lhe trareis sem falta à casa. Ora vede, afirmou-me este malandro que me havia encontrado no mercado, que lhe bati e reclamara, instante, mil marcos de ouro; enfim, que renegara minha esposa e meu lar. Então, borracho, que pretendias ao dizer aquilo?

DRÔMIO DE ÉFESO

Dizei, senhor, embora o que vos agradar, mas os sinais da sova eu poderei mostrar. Fosse eu de pergaminho e vossa mão de tinta, leríeis vossa firma em letra mui distinta e poderíeis ver o que de vós eu penso.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Penso que sois um asno.

DRÔMIO DE ÉFESO

Aliás mostrais bom senso, que outra coisa não é quem, por causa de nada, aguenta o dia todo impropério e pancada. Mas se asno puro eu sou, convém terdes cuidado, porque não vos alcance um coice delicado.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Triste me pareceis, meu caro Baltasar; mas ficareis alegre à mesa do jantar.

BALTASAR

Com tanta gentileza, é que eu posso esperar.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Peixe e carnes, amigos, esplendem mais à mesa; muita conversa é indício, às vezes, de avareza.

BALTASAR

Banal coisa é comida; a boa prosa é rara.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Mas uma mesa escassa a boca torna amara.

BALTASAR

A gentileza à mesa é hóspede eloquente.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Quando avaro é o hospedeiro e o convidado doente. No entanto, se primor não for minha comida, ao menos com prazer vos será oferecida. A porta está fechada? Abri-la manda asinha.

DRÔMIO DE ÉFESO

Brígida, Madalena, Bárbara, Joaninha!

DRÔMIO DE SIRACUSA (*dentro*)

Cretino, idiota, alarve, estúpido, demente! Vai-te embora, ou, calado, senta-te ao batente. Por que chamar um bando, assim, de servas tontas, quando uma já é demais? Pensas que me amedrontas?

DRÔMIO DE ÉFESO

Quem é que em nossa casa ora faz de porteiro? Ficar aqui não pode o mestre o dia inteiro.

DRÔMIO DE SIRACUSA (*dentro*)

Ora, que vá pescar! Deixe de cretinismo; se não, com o frio os pés apanham reumatismo.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Abre logo! Ou uma tunda esperas que eu te dê?

DRÔMIO DE SIRACUSA (*dentro*)

Abrir, caro senhor? Falta saber por quê.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Por quê? Para jantar. De fome estou varado.

DRÔMIO DE SIRACUSA (*dentro*)

Então ide a outra parte; aqui já houve assado.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Quem és, que assim me pões de minha casa fora?

DRÔMIO DE SIRACUSA (*dentro*)

Drômio, caro senhor, gentil porteiro agora.

DRÔMIO DE ÉFESO

Roubaste-me, vilão, o ofício e o próprio nome. Aquele me valeu estar morrendo à fome; o outro me rende mais: pancada e insultos a esmo. Mas se tivesse sido, há pouco, Drômio mesmo, por outro nome o teu terias já trocado e desejaras ser mero asno do mercado.

LÚCIA (*dentro*)

Drômio, que barulheira é essa no portão? Quem bate assim?

DRÔMIO DE ÉFESO

É o mestre, Lúcia; abres ou não?

LÚCIA (*dentro*)

Chegou tarde demais. Vai; dize ao patrão isso.

DRÔMIO DE ÉFESO

Só rindo muito, oh Deus! De tanto rebuliço. Mas conheceis, acaso, um dito muito certo, de que uma boa sova, às vezes...

LÚCIA (*dentro*)

Oh! decerto! faz esquecer a fome a quem não vê comida.

DRÔMIO DE SIRACUSA (*dentro*)

Se tu te chamas Lúcia, ó Lúcia, és bem sabida!

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Pequena, não me ouviste? Aqui fala o patrão.

LÚCIA (*dentro*)

Já vos perguntei isso.

DRÔMIO DE SIRACUSA (*dentro*)

E vós dissestes “não”.

DRÔMIO DE ÉFESO

Boa resposta, agora; estamos mão por mão.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Vamos, idiota, abri!

LÚCIA (*dentro*)

Pois não, caro senhor; mas primeiro contai-me a causa desse ardor.

DRÔMIO DE ÉFESO

Mestre, arrombai a porta.

LÚCIA (*dentro*)

Assim; malhai de rijo.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Deixa, que, após abri-la, a prosa eu te corrijo.

LÚCIA (*dentro*)

Se eu chamar pela guarda, ireis todos de embrulho.

ADRIANA (*dentro*)

Drômio, que significa à porta esse barulho?

DRÔMIO DE SIRACUSA (*dentro*)

Que posso eu vos dizer? Mas estranhar não há de quem tiver visto o que eu já vi nesta cidade.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Esposa, quero ver-te; a fome não me importa.

ADRIANA (*dentro*)

Tua esposa, tratante? Afasta-te da porta.

DRÔMIO DE ÉFESO

Esse “tratante”, mestre, a honra vos deixa torta.

ÂNGELO

Não acharemos cá nem prosa nem comida.

BALTASAR

E nós a discutir qual fosse a preferida!

DRÔMIO DE ÉFESO

Mandai-os, mestre, entrar, que a fome é desabrida.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Há qualquer coisa no ar que nos impede a entrada.

DRÔMIO DE ÉFESO

Com essa capa, mestre, o frio é quase nada. Nós gememos cá fora, enquanto na lareira, lá dentro, o fogo estrala: é bela a brincadeira.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Vou arrombar a porta e a todos dar o troco.

DRÔMIO DE SIRACUSA (*dentro*)

Vinde, que eu vos prometo abrir em dois o coco.

DRÔMIO DE ÉFESO

Fácil é prometer; mas com facilidade não se transforma em ato um soco de verdade.

DRÔMIO DE SIRACUSA (*dentro*)

Vejo que de apanhar tu tens muita vontade.

DRÔMIO DE ÉFESO

Vamos, deixa-me entrar; quero ir até à cozinha.

DRÔMIO DE SIRACUSA (*dentro*)

Pois não, caro senhor; mas só quando a galinha penas já não tiver e o peixe reluzente puder no mar viver sem guelras e contente.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Vou arrombar a porta; arranja uma alavanca.

DRÔMIO DE ÉFESO

Uma alavanca, mestre? Agora, sim, a tranca no gajo vai saltar e, como o seu peixinho sem guelras, ele passa a bocejar sozinho.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

A alavanca! Depressa! Há muita urgência!

BALTASAR

Em tudo; amigo, é de mister paciência. Com isso fazeis guerra à vossa própria reputação, chamando para dentro do âmbito da malícia a honra impoluta de vossa digna esposa. A comprovada prudência que lhe é própria, a alta virtude, os anos, a modéstia, valer fazem a seu favor alguma causa oculta para tal proceder, a qual vos foge. Não o duvideis, senhor, mas é certeza que ela vai desculpar-se, revelando-vos o motivo de estar fechada a porta. Deixai que eu vos oriente neste passo. Retirai-vos paciente; vamos todos jantar no Tigre, e quando já for noite, sozinho voltareis para saberdes a razão desta insólita recusa. Se vos dispondes a empregar violência numa ocasião de tanto movimento, hão de surgir, por certo, comentários que, pela turba ignara propalados, a despeito do vosso nome limpo, acolhida acharão por toda parte, até mesmo na

vossa sepultura, quando já não viverdes. Que a calúnia, como bens transmitidos por herança, sempre cresce onde venha a encontrar ansa.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Tendes razão; vou retirar-me quieto e, embora a contragosto, hei de esforçar-me por parecer alegre. Ora me lembro de uma donzela de agradável prosa, bonita, espirituosa, algo estouvada, mas, no fundo, gentil. Por causa dessa criatura minha esposa — sem motivos para isso, vos afirmo — muitas vezes tem feito cenas de ciúme incríveis. Vamos jantar com ela. (*A Ângelo*) Ide a cadeia buscar em vossa casa, pois já deve estar pronta, e levai-a ao Porco-espinho que é onde mora a mulher de que vos disse. Vou dar-lhe essa cadeia, mas que seja só para minha esposa ficar fula. Nossa hospedaria ganhará o presente. Ide, senhor; não percais tempo: há urgência. Já que meu lar se me tornou inimigo, verei se alhures bem-estar consigo.

ÂNGELO

Pretendo lá chegar dentro de uma hora.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Vai ficar cara a brincadeira... Embora! (*Saem*)

CENA II

O mesmo. Entram Luciana e Antífolo de Siracusa.

LUCIANA

Como se dá que te hajas esquecido dos deveres de esposo? Que a sincera floração de um amor tão belo e fido tenha fanado em plena primavera? Na construção, o amor só faz ruínas? Se desposaste minha irmã somente pela sua riqueza e ora a abominas, sê, ao menos, com ela mais clemente. Se amas alhures, usa de cautela; esconde o falso amor num manto escuro; não faças desses olhos a janela por onde ela entreveja o seu futuro. Arauto da desonra não consintas que tua língua se torne; a deslealdade se mascara com frases indistintas que o sentimento revelar não há de. Sê de olhar

meigo; ao vício dá aparência de álaçre mensageiro da virtude; guarda em todos os atos conveniência, embora abrigues no imo o crime rude. Ensina a santidade ao vício imundo; sê perjuro em segredo. Por que dares de ti conhecimento a todo o mundo? Que malfeitor assume os próprios ares? Duplamente a ofendeste, quando, à mesa, mostraste que traidor foste ao seu leito; bastarda fama alçaçará a vileza, se de fraseado se valer com jeito. Pobres mulheres! Dai-nos a ilusão de que somos realmente idolatradas; deixai a luva e retirai a mão, que inda vos perdoarão essas coitadas. Voltai, por isso, mano, sem demora; ide falar com a mana e consolá-la, que um halo santo a insensatez decora, quando promove paz fingida fala.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Suave senhora, ignoro vosso nome, nem sei por que prodíçio o meu soubestes, a não ser que à beleza se vos some algo de espírito e poder celestes. Ensinaí-me a pensar, doce criatura; mostrai à minha inata grosseria, fraca, propensa a errar, de essência impura, da vossa meiga voz toda a magia. Por que lutais contra minha alma ingênua, levando-a por caminho não trilhado? Sois deusa? Desejais que de alma estrênuu, depois de eu renascer, fique dotado? Então me transformai, que ao vosso encanto nada terei a opor. Mas, se é verdade que eu sou eu mesmo, o irreprimível pranto de vossa bela irmã fazer não há de que eu me convença de que sou casado nem de que ao leito dela fui perjuro. A vós é que me sinto agrilhoadado; a vós, tão só, me prende o amor mais puro. Oh! não me arrastes, divinal sereia, com tua voz a perecer nas ondas que tua irmã provoca. A mágoa alheia não deve preocupar-nos. Não te escondas de minha vista; deixa que o teu canto pleiteie a tua causa; a coma de ouro sobre as ondas espalha, porque o espanto me leve a cobiçar esse tesouro. E nesse leito, assim, acalentado pela ilusão, encontrarei a morte, sem maldizer, contudo, do meu fado: que morra o leve amor, se não tem sorte.

LUCIANA

Que espécie de loucura vos domina?

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Não é loucura; é a minha triste sina.

LUCIANA

De vossos olhos nasce a causa disso.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Por perto estardes, sol: eis o feitiço.

LUCIANA

Contemplai minha irmã desventurada.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Olhar a noite, amor, é não ver nada.

LUCIANA

Não me chames de amor; sim minha mana.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

A irmã da mana.

LUCIANA

A mana.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Ó desumana! És tu mesma, de mim a melhor parte, que dos meus olhos a visão reparte, o coração mais caro deste peito, minha sorte, meu único direito de entrar no céu, o céu de minha vida, quanto almeja minha alma, de atrevida.

LUCIANA

Dize isso tudo a minha irmã, somente.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Sê, pois, tua própria irmã, que, eternamente, terás aos pés meu coração rendido; mulher não tenho; tu não tens marido. Dá-me a mão.

LUCIANA

Acalmai-vos um momento; vou da mana buscar o assentimento.
(*Sai*)

(*Entra Drômio de Siracusa, apressado*)

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Que é que há, Drômio? Aonde vais com tanta pressa?

DRÔMIO DE SIRACUSA

Reconheceis-me, senhor? Sou Drômio, realmente? Sou vosso criado?
Eu sou eu mesmo?

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Sim, és Drômio, és meu criado, és tu mesmo.

DRÔMIO DE SIRACUSA

Pois eu sou um asno, sou criado de uma mulher e não estou em mim mesmo.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Que mulher, homem? E de que modo não estás em ti mesmo?

DRÔMIO DE SIRACUSA

Ora essa, não estou em mim mesmo, por pertencer a uma mulher, uma mulher que me reclama, uma mulher que me persegue, uma mulher que me quer para si.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

E que direito ela se arroga, para te reclamar como dela?

DRÔMIO DE SIRACUSA

O direito que poderíeis ter sobre o vosso cavalo. Como besta legítima é que ela me quer, isto é, não por eu ser besta, de fato, mas por ser ela uma criatura bestial.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Quem é ela?

DRÔMIO DE SIRACUSA

Um corpo respeitável; sim, um desses corpos a que não nos podemos referir sem acrescentarmos: salvo o vosso respeito. Tive sorte muito magra nesse enlace, apesar de se tratar de um casamento extraordinariamente gordo.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Que entendes por casamento gordo?

DRÔMIO DE SIRACUSA

Ora, senhor, é porque se trata de uma cozinheira que é só enxúndia. Não sei de que modo utilizá-la, se não for aproveitá-la como lâmpada para fugir dela, valendo-se de sua própria luz. Posso-vos afiançar que a sua rodilha ensebada poderia arder durante um inverno da Polônia. Se ela viver até o dia do Juízo final, há de arder uma semana mais do que o mundo.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

De que cor é ela?

DRÔMIO DE SIRACUSA

Negra como estes sapatos, mas de rosto não tão limpo, e isso por suar tanto, que poderíamos patinhar com lama acima dos sapatos.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

É defeito que se corrige com água.

DRÔMIO DE SIRACUSA

Impossível, senhor; isso faz parte dela; nem todo o dilúvio de Noé chegaria para limpá-la.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Como se chama?

DRÔMIO DE SIRACUSA

Vera, senhor; mas seu nome e três quartas, isto é, uma vara e três quartas não a alcançariam de uma a outra anca.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Então é larga de verdade!

DRÔMIO DE SIRACUSA

Não mede mais dos pés à cabeça do que de uma a outra cadeira; é esférica; parece um globo terrestre; eu seria capaz de encontrar nela todos os países do mundo.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Em que parte do seu corpo se encontra a Escócia?

DRÔMIO DE SIRACUSA

Descobri-a pela esterilidade: fica na palma das mãos.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Onde fica a França?

DRÔMIO DE SIRACUSA

Na frente, senhor, armada e em revolta, a guerrear os próprios cabelos.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Onde fica a Inglaterra?

DRÔMIO DE SIRACUSA

Procurei as escarpas calcárias, mas não encontrei nada branco. No entanto, presumo que fique no queixo, pela umidade salgada que corre entre ela e a França.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Onde fica a Espanha?

DRÔMIO DE SIRACUSA

Por minha fé, não a vi; mas a senti pelo calor do hálito.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

E a América? E as Índias?

DRÔMIO DE SIRACUSA

Oh, senhor! No nariz, inteiramente coberta de rubis, carbúnculos, safiras, inclinando a rica aparência para o hálito abrasador da Espanha, que envia armadas sucessivas de galeões para tomarem carga no nariz.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

E a Bélgica e os Países-Baixos, onde ficam?

DRÔMIO DE SIRACUSA

Oh, senhor! Não olhei tão para baixo, assim. Em suma, para concluirmos: esse pesadelo, essa feiticeira alegou direitos sobre a minha pessoa; chamou-me de Drômio, jurou que eu era seu noivo, enumerou sinais secretos que tenho no corpo, tal como certa mancha numa das espáduas, um sinal no pescoço, uma grande verruga no braço esquerdo, a ponto de eu fugir dela, tomado de espanto, como quem foge de uma cigana. Se eu carecesse de fé, sem possuir coração resistente, ora cachorro seria, ou copeiro da bruxa potente.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Não percas tempo; vai direito ao porto. Se houver, acaso, vento favorável, não passarei a noite na cidade. Se achares algum barco quase pronto para sair, volta depressa; eu fico no mercado, passeando, à tua espera. Se todos nos conhecem, e eu ninguém, demorar na cidade não convém.

DRÔMIO DE SIRACUSA

Como quem de urso foge e até da Morte, fujo eu de quem me quer para consorte. (*Sai*)

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Neste lugar só moram feiticeiras; é tempo de tratar de sair dele. Aquela que me chama de marido não a aceita minha alma como esposa. Mas sua bela irmã possui tal graça, tão soberano olhar, fala aprazível, presença encantadora, que, por pouco fiquei traidor de minha própria causa. Antes de cometer ação tão feia, ficarei surdo ao canto da sereia.

(Entra Ângelo)

ÂNGELO

Mestre Antífolo!

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Pronto; assim me chamo.

ÂNGELO

Sei disso, meu senhor. Eis a cadeia. Pensei em vos achar no Porco-espinho; só demorei para acabar a obra.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Que desejais que eu faça desse mimo?

ÂNGELO

O que quiserdes; para vós foi feito.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Para mim? Sem o ter encomendado?

ÂNGELO

Não uma vez, nem duas, mas duzentas. Fazei dela presente a vossa esposa; ao jantar vos farei uma visita, para que me pagueis o meu trabalho.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Então recebi logo o que vos devo, que é possível não mais pordes os olhos em cima da cadeia e do dinheiro.

ÂNGELO

Sois muito espirituoso; passai bem. (*Sai, deixando a cadeia*)

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Não sei o que pensar disto, também. Mas uma coisa é certa: ninguém há de recusar um tal mimo por vontade. Pelo que vejo, aqui, e aqui somente, em plena rua ganha-se presente. Vou esperar por Drômio no mercado; havendo barco, fujo de bom grado. (*Sai*)

ATO IV

CENA I

Uma praça pública. Entram o segundo mercador, Ângelo e um oficial de justiça.

MERCADOR

Desde o passado Pentecoste a conta me ficaste devendo, sem que a afronta de vos cobrar até agora eu vos fizesse; nem a faria ainda, se não fosse ter de ir à Pérsia e estar necessitado de florins para a viagem. Por tudo isso, dai-me satisfação; caso contrário, este oficial tem ordem de prender-vos.

ÂNGELO

Antífolo me deve justamente a soma que eu vos devo. Neste instante deixei com ele uma cadeia de ouro, cujo importe às cinco horas será pago. Se a bondade tiverdes de ir comigo até sua casa, saldarei a dívida e me confessarei muito obrigado.

(Vindo da casa da Cortesã, entram Antífolo de Éfeso e Drômio de Éfeso)

OFICIAL

Poupai-vos do trabalho; ei-lo que chega.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Enquanto o ourives eu procuro, trata de comprar uma corda, cujas pontas destino a minha esposa e seus comparsas, por me terem vedado, em pleno dia, a entrada em minha casa. Não demores; compra a corda depressa e leva-a a casa.

DRÔMIO DE ÉFESO

Comprarei uma renda de mil libras! Vou comprar logo a corda. (*Sai*)

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Bem aviado ficará quem em vós tiver confiança. Dissestes que a cadela levaríeis, mas visita nenhuma me fizestes. Certamente não foste, por pensar que o nosso amor seria mais durável nos liames da cadeia; e, assim, faltastes.

ÂNGELO

Pondo de parte o vosso humor jocoso, eis a nota do peso da cadeia, até o último quilate. A qualidade do ouro e a mão de obra dispendiosa, soma perfazem superior de três ducados à que eu devo a este amável cavalheiro. Por isso vos suplico lhe pagardes, pois precisa viajar, só estando, agora, a aguardar que eu a dívida liquide.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Não tenho aqui dinheiro suficiente para essa conta. Além do mais, preciso fazer alguns negócios na cidade. Ide, meu bom senhor, com este estrangeiro, à minha residência, sem deixardes de levar a cadeia. Minha esposa vos pagará a soma combinada. É bem possível que cheguemos juntos.

ÂNGELO

Então vós mesmo levareis o mimo?

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Não; levai-o vós mesmos; estou com pressa.

ÂNGELO

Muito bem; a cadeia está convosco?

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Uma vez que comigo não se encontra, convosco está, decerto. Do contrário, força será voltardes sem dinheiro.

ÂNGELO

Por obséquio, senhor, dai-me a cadeia, pois este cavalheiro está com pressa, que os ventos e a maré têm prazo certo. Para minha vergonha, já o retive mais do que fora justo.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Ora, senhor, lançais mão desse plano, como escusa por haverdes faltado com a palavra de irdes ao Porco-espinho. A mim cabia censurar-vos a falta; ao invés disso, deblaterais como mulher furiosa.

MERCADOR

Senhor, as horas passam; vamos logo.

ÂNGELO

Bem vedes como agora ele se esquiva. A cadeia...

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Levai-a à minha esposa; ela vos pagará.

ÂNGELO

Vamos com isso; sabeis que eu vo-la dei faz pouco tempo. Dai-me um sinal qualquer, ou devolvi-a.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Ora, a pilharia passa dos limites. A cadeia, senhor! Deixai-me vê-la.

MERCADOR

Não tenho tempo para tais parlendas. Dizei-me, bom senhor, vosso propósito: pagais ou não? No caso de recusa, farei que este oficial o leve preso.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Eu pagar-vos? Dizei: quanto vos devo?

ÂNGELO

O preço, justamente, da cadeia.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Nada vos devo, enquanto não for minha.

ÂNGELO

Sabeis que vo-la dei há meia hora.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

A mim não destes nada; isso me ofende.

ÂNGELO

Mais me ofendeis, senhor, negando o fato. Considerai que nisso empenho o crédito.

MERCADOR

Muito bem. Oficial, por queixa minha, predeei-o sem demora.

OFICIAL DE JUSTIÇA

Agora mesmo. Em nome, pois, do duque, obedecei-me.

ÂNGELO

Minha reputação sofre com isso. Ou me pagais o preço da cadeia, ou vos farei prender *in continenti*.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Consentir em pagar o que não devo? Manda prender-me, estúpido, se o ousares.

ÂNGELO

Oficial, eis o vosso emolumento; predeei-o a meu pedido. Em circunstâncias como esta, ao próprio irmão eu não poupara, se tentasse ofender-me assim de público.

OFICIAL DE JUSTIÇA

Estais preso, senhor; a queixa ouvistes.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Sim, obedeco até pagar a fiança. Mas, por Deus, pagareis a brincadeira com quanto ouro tiverdes na oficina.

ÂNGELO

Ora, senhor, hei de achar leis em Éfeso, não o duvido, para vosso opróbrio.

(Entra Drômio de Siracusa)

DRÔMIO DE SIRACUSA

Mestre, há no porto um barco de Epidamno, que aguarda tão somente o proprietário para partir. Já pus a bordo toda nossa bagagem. Comprei óleo, bálsamo e *aqua-vitae*. De jeito está o navio; sopra fresco de terra o alegre vento. Só a vós e ao dono, mestre, eles aguardam.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Que é isso? Estás maluco? Que navio de Epidamno por mim está esperando?

DRÔMIO DE SIRACUSA

O navio, senhor, que me incumbistes de procurar para comprar passagem.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Bêbedo, o que eu mandei foi que comprasses uma corda e te disse para o que era.

DRÔMIO DE SIRACUSA

Corda? Nenhuma corda me pedistes. O que mandastes foi que eu visse um barco.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Com mais vagar resolverei o assunto e ensinarei a ouvires o que deves. Procura Adriana, biltre, sem demora; dá-lhe esta chave; dize-lhe que dentro da gaveta da mesa recoberta pelo tapete turco há uma bolsa cheia de moedas de ouro. Que ma envie por ti, depressa. Conta-lhe que me acho detido em plena rua e que preciso pagar uma caução. Não te demores; detido esperarei tempos melhores.

(Saem o mercador, Ângelo e o oficial de justiça)

DRÔMIO DE SIRACUSA

Essa Adriana é da casa em que jantamos e onde a tal Dosabel me reclamava para marido. Mas é muito grande, penso, para cingi-la nestes braços. Contudo, irei, embora a contragosto; servo é soldado que não larga o posto. *(Sai)*

CENA II

Um quarto em casa de Antífolo de Éfeso. Entram Adriana e Luciana.

ADRIANA

Ah, Luciana, ele teve esse descoco? Lia-se-lhe no olhar que era sincero? Estava são? Não parecia louco? No que disseste acreditar não quero. Refletia no rosto a luta, acaso, dos meteoros do peito em campo raso?

LUCIANA

Primeiro asseverou não ser casado.

ADRIANA

Mais, com isso, ele aumenta o meu cuidado.

LUCIANA

Depois jurou que aqui era estrangeiro.

ADRIANA

Perjuro agora, como o foi primeiro.

LUCIANA

Depois, falei de vós.

ADRIANA

E ele, que disse?

LUCIANA

Que a mim, só, amava; o mais era tolice.

ADRIANA

De que modo falava esse demente?

LUCIANA

Se fosse honroso o pleito, convincente. Elogiou-me a beleza; após, a fala.

ADRIANA

E tu, que lhe disseste? Vamos; fala.

LUCIANA

Calma, te peço; é de mister paciência.

ADRIANA

Calma não posso ter nesta premência. Se não do peito, ao menos hei de o gosto fazer da língua. Antífolo é mal posto, feio, velho, corcunda, deformado, de feições horrorosas, rosto inchado, viciado, bruto, de maldade infinda, de corpo horrendo e mente pior ainda.

LUCIANA

Quem ciúmes pode ter de tal marido? Ninguém um mal lastima, se perdido.

ADRIANA

Não é assim que o descreve o meu carinho. Se outros olhos o vissem desse jeito! O abibe chora, quando perde o ninho. A língua o insulta, mas o adora o peito.

(Entra Drômio de Siracusa)

DRÔMIO DE SIRACUSA

Vamos! Depressa! A bolsa da gaveta!

LUCIANA

Par que corres assim?

DRÔMIO DE SIRACUSA

Não sou perneta.

ADRIANA

Onde está teu patrão, Drômio? Não vem? Par que demora tanto? Ele está bem?

DRÔMIO DE SIRACUSA

Sim, no limbo do Tártaro, no Averno; muito pior ali do que no inferno. Um demônio de vestes permanentes pôs sobre ele a mãozinha, um desses homens de peito duro abotoado de aço. Um duende, um lobo, um monstro de esconjuro, um sujeito envolvido em couro duro, enredador, traiçoeiro-mor, pisa-mansinho, que aos homens veda a praça, as ruas e o caminho, que parece perder o rasto a toda gente, mas nas chamas do inferno os lança eternamente.

ADRIANA

Mas, afinal, que há?

DRÔMIO DE SIRACUSA

O que há, não sei dizer; sei que ele está na grade.

ADRIANA

Como! Está preso? À intimação de quem?

DRÔMIO DE SIRACUSA

Não sei que intimação o pôs em tal agrura; só sei que o intimador tem farda muito dura. Urge que lhe mandeis a bolsa da gaveta.

ADRIANA

Vai buscá-la. (*Sai Luciana*) Não sei que pensar disso. Tinha dívidas e eu sem saber nada. Conta o resto: foi posto na cadeia?

DRÔMIO DE SIRACUSA

É isso, uma cadeia; de aparência mais aprazível, mas cadeia, em suma. Não ouvistes soar?

ADRIANA

Quê? A cadeia?

DRÔMIO DE SIRACUSA

Cadeia, não; o sino! É tempo de ir-me embora; às duas o deixei; ouvi bater uma hora.

ADRIANA

Para trás anda o tempo. Oh coisa singular!

DRÔMIO DE SIRACUSA

Se a hora encontra um sargento, o medo a faz recuar.

ADRIANA

Tem dívidas o tempo! Oh, como falas certo!

DRÔMIO DE SIRACUSA

O tempo está falido, a ruína já anda perto. E mais: é um bom gatuno, à espreita e de vigia; manso se escoia à noite e devagar de dia. Se o sargento o persegue e os bens tem em penhora, que muito que se atrase em cada dia uma hora?

(*Volta Luciana*)

ADRIANA

Eis o dinheiro, Drômio; vai depressa e traze o teu senhor já para casa. De um pensamento, irmã, estou possessa, que ora me deixa fria, ora me abrasa. (*Saem*)

CENA III

Uma praça pública. Entra Antífolo de Siracusa.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Não encontro ninguém nesta cidade que não me cumprimente como a velho conhecido. Meu nome todos sabem. Uns, dinheiro de empréstimo oferecem; outros me invitam para cearmos juntos; muitos se mostram gratos por finezas que eu lhes houvesse feito; outros insistem porque lhes compre as mais variadas coisas. Em sua loja, há pouco, um alfaiate me fez entrar, para mostrar-me sedas que para mim comprara e, sem delongas, tomou minhas medidas. Com certeza tudo isso é fantasia; aqui residem, decerto, os feiticeiros da Lapônia.

(Entra Drômio de Siracusa)

DRÔMIO DE SIRACUSA

Eis o dinheiro, mestre, que pedistes. Mas, como conseguistes ver-vos livre do retrato do velho Adão de farda?

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Dinheiro que eu pedi? Que Adão é esse?

DRÔMIO DE SIRACUSA

Não me refiro ao Adão que guardava o paraíso, mas ao Adão que é guarda da cadeia, o que se veste com a pele do bezerro matado para o filho pródigo, o que marchava por trás de vós, senhor, como anjo do mal e vos intimou a abandonar a liberdade.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Não te compreendo.

DRÔMIO DE SIRACUSA

Não? Pois é muito simples: refiro-me ao sujeito que anda como um rabeção, numa caixa de couro; o indivíduo, senhor, que dá empurrões nos cavalheiros fatigados e os obriga a repousar; o

mesmo que se apiada das pessoas arruinadas e lhes arranja um fato indesfiável; é o tal, em suma, que se gaba de fazer mais piruetas com a sua clava do que os dançarinos com a lança mouresca.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Como assim? Referes-te a algum oficial de justiça?

DRÔMIO DE SIRACUSA

Perfeitamente, senhor, ao sargento dos títulos, o mesmo que chama responsabilidade as pessoas que não pagam as suas obrigações e que diz a toda a gente: “Deus vos dê bom repouso”, como se todo o mundo estivesse no ponto de ir para a cama.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Muito bem, senhor; ponde remate a essas tolices. Nenhum navio zarpará esta noite? Saímos ou não desta cidade?

DRÔMIO DE SIRACUSA

Como não, senhor! Há uma hora vos disse que o barco “Velocidade” partirá esta noite, justamente quando o sargento vos deteve e vos obrigou a aguardar a chalupa “Retardo”. Aqui estão os anjos que me mandastes buscar, para que vos livrassem.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Este velhaco está louco de todo, tal como eu. É ilusão tudo o que vemos. Daqui nos tire algum poder celeste!

(Entra uma cortesã)

CORTESÃ

Mestre Antífolo, salve! Vejo agora que encontrastes o ourives, finalmente. É essa a cadeia que me prometestes?

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Retira-te, Satã! Não me persigas.

DRÔMIO DE SIRACUSA

Mestre, essa é a senhora Satã?

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

É o diabo.

DRÔMIO DE SIRACUSA

Não, é pior do que isso: é a avó do diabo, que nos aparece sob a forma de uma meretriz leve; de aí o costume de dizerem as meretrizes: “Deus me dane!” que é como se dissessem: “Deus faça de mim uma donzela leviana!” Está escrito que elas aparecem aos homens como anjos leves de luz. Ora, a luz é uma consequência do fogo, e o fogo queima. Logo, as donzelas levianas queimam. Não vos aproximeis dela.

CORTESÃ

Vosso criado, senhor, e vós estais hoje muito espirituosos. Não quereis vir comigo? Poderemos comprar aqui perto alguma coisa para cearmos.

DRÔMIO DE SIRACUSA

Mestre, se fordes cear e houver probabilidade de tomardes sopa, muni-vos de uma colher comprida.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Por que, Drômio?

DRÔMIO DE SIRACUSA

Ora, porque quem come com o diabo precisa ter uma colher comprida.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Demônio, para trás! Por que o convite para cearmos? Como as outras todas, és uma bruxa. Assim, eu te conjuro a me deixares e ires daqui logo.

CORTESÃ

Dai-me o anel que ao jantar me arrebatastes, ou, em troca, a cadeia prometida, que eu sairei, senhor, sem molestar-vos.

DRÔMIO DE SIRACUSA

Às vezes o demônio pede apenas as aparas das unhas, um cabelo, uma gota de sangue, uma pevide de cereja, uma noz, um quase nada. Esta, porém, mais ambiciosa, pede somente uma cadeia... Cuidado, mestre! Se lhe derdes isso, sacudindo as correntes, o demônio sem demora virá meter-nos medo.

CORTESÃ

Senhor, o anel, ou então dai-me a cadeia. Não acredito que queirais lograr-me.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Corre, Drômio, que é tempo. E tu, ó bruxa, fora!

DRÔMIO DE SIRACUSA

Disse o pavão: que orgulho! Ouviste-lo, senhora?

(Saem Antífolo de Siracusa e Drômio de Siracusa)

CORTESÃ

Não há dúvida: Antífolo está louco; se não, não se aviltara desse modo. Ficou com meu anel que vale cerca de quarenta ducados, prometendo que em paga me daria uma cadeia. No entanto, agora nega ambas as coisas. A principal razão de o julgar louco, sem falarmos no acesso de há momentos, se cinge à história singular que à mesa do jantar me contou, de que se achava impedido de entrar na própria casa. Só se a mulher, por ver o seu estado, mandou fechar a porta de propósito. Só me resta o recurso de ir à casa de Antífolo e contar à sua esposa que ele, por ter ficado de repente desassissado, me invadiu a casa e o anel me arrebatou. Sim, farei isso; reaver o anel perdido é bom serviço. *(Sai)*

CENA IV

Uma rua. Entram Antífolo de Éfeso e um oficial de justiça.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Nada temas, amigo, que eu não fujo. Antes de te deixar dar-te-ei a soma justa da minha fiança. Minha esposa desde hoje está de gênio insuportável. Certamente não deu crédito fácil ao mensageiro que levou a notícia de que eu me achava em Éfeso detido. Semelhante notícia — é o que vos digo — lhe há de ter parecido muito estranha. *(Entra Drômio de Éfeso com uma corda)* Meu criado vem vindo. Com certeza traz o dinheiro. Então, senhor, trouxestes a encomenda de que eu vos incumbira?

DRÔMIO DE ÉFESO

Aqui está o com que dar a eles todos o troco suficiente.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

E o meu dinheiro?

DRÔMIO DE ÉFESO

Ora, senhor, gastei-o nesta corda.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Quatrocentos ducados pela corda?

DRÔMIO DE ÉFESO

Com isso, quatrocentas vos comprara.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Que foi que eu te mandei buscar em casa?

DRÔMIO DE ÉFESO

Uma corda, senhor; eis-me de volta.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Recebe, então, de volta este presente. *(Bate-lhe)*

OFICIAL DE JUSTIÇA
Senhor, tende paciência.

DRÔMIO DE ÉFESO
Paciência preciso eu, que estou apanhando.

OFICIAL DE JUSTIÇA
Filho, detém a língua.

DRÔMIO DE ÉFESO
Mandai, então, que ele detenha o braço.

ANTÍFOLO DE ÉFESO
Descarado! Vilão insensível!

DRÔMIO DE ÉFESO
Desejara ser insensível, senhor, para não sentir vossas pancadas.

ANTÍFOLO DE ÉFESO
Só és sensível à pancada, tal qual um asno.

DRÔMIO DE ÉFESO
Sou um asno, realmente; e a prova são estas orelhas compridas. Eu o servi desde o dia de meu nascimento até hoje, não tendo recebido em pagamento senão pancada. Quando estou com frio, ele me aquece com pancada; quando estou quente, ele me esfria com pancada; se durmo, é com pancada que ele me esperta; se me sento, com pancada me faz levantar; quando saio à rua, é com pancada que ele me faz atravessar a porta sendo, também, com pancada que me dá as boas-vindas. Carrego as pancadas nos ombros, como os mendigos os seus fedelhos, e estou certo de que, quando ele me deixar aleijado, terei de mendigar com elas de porta em porta.

ANTÍFOLO DE ÉFESO
Vamos saindo daqui, que minha mulher já chega.

(Entram Adriana, Luciana, a cortesã e Pinch)

DRÔMIO DE ÉFESO

Senhora, *respice finem*, atenção ao fim! Ou melhor, como diz o profeta e o papagaio: Cuidado com o fim da corda!

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Ainda te pões a falar? (*Bate-lhe*)

CORTESÃ

E agora, que dizeis? Não está louco?

ADRIANA

É o que faz crer a sua grosseria. Meu caro Doutor Pinch, sois exorcista; restituí-lhe a razão, é o que vos peço, e obtereis de mim tudo o que quiserdes.

LUCIANA

Oh, como ele olha furibundo e firme!

CORTESÃ

Vede como a loucura o deixa trêmulo.

PINCH

Quero sentir o pulso; dai-me a mão.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Aqui está a mão; senti no ouvido o pulso. (*Bate-lhe*)

PINCH

Satã que habitas este corpo, intimo-te a obedecer às minhas santas preces e voltar sem demora para as trevas. Pelos santos do céu, eu te conjuro!

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Cala-te, feiticeiro impertinente! Não estou louco.

ADRIANA

Ah! quem nos dera mesmo, pobre alma atribulada!

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Então, faceira, todos estes são vossos habituados? Este tipo de cara de açafreão jantou hoje convosco em minha casa, enquanto entrada nela me negavam as criminosas portas?

ADRIANA

Oh, marido! Deus sabe que hoje tu jantaste em casa. Se houvesse lá ficado, ora estarias livre do opróbrio e de tão grande escândalo.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Jantei em casa? Biltre, que respondes?

DRÔMIO DE ÉFESO

Senhor, para ser franco, não jantastes.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Não nos foi impedida a entrada? A porta não estava trancada?

DRÔMIO DE ÉFESO

Justamente; fechada a porta, e vós deixado fora.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

E ela, não me atirou baixos insultos?

DRÔMIO DE ÉFESO

Sans fable, vos lançou baixos insultos.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

De mim não riu a sua cozinheira, não me insultou, não me cobriu de chulas?

DRÔMIO DE ÉFESO

Certes, tudo isso fez a vestal cuca.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

E não me retirei de lá, furioso?

DRÔMIO DE ÉFESO

Isso mesmo; comprovam-no meus ossos, que as marcas ainda têm de vossa fúria

ADRIANA

Será prudente concordar com ele?

PINCH

Não há mal; o velhaco tem consciência do estado do patrão, e, concordando com ele, contribui para acalmá-lo.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

O ourives subornastes e fui preso.

ADRIANA

Oh, Deus do céu! Para livrar-te logo, mandei por Drômio quanto me pediste, quando, a correr, buscar foi ele a bolsa.

DRÔMIO DE ÉFESO

Por mim? Dinheiro? Só se foi em sonho. Certamente pensastes em fazê-lo; mas nem um real, um real sequer me destes.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Não foste procurá-la, porque a bolsa de ducados te desse?

ADRIANA

Foi a casa, e logo eu lha entreguei.

LUCIANA

Sou testemunha de que é verdade o que ela está dizendo.

DRÔMIO DE ÉFESO

Deus e o cordeiro sejam testemunhas de que eu tive a incumbência, tão somente, de ir comprar uma corda.

PINCH

Estão possessos ambos, minha senhora: o amo e o criado. Na palidez do rosto o reconheço, na maneira de olhar. Será preciso amarrá-los e os pôr em quarto escuro.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Fala: por que hoje me trancaste a porta? Por que não me trouxeste o saco de ouro?

ADRIANA

Eu não te deixei fora, caro esposo.

DRÔMIO DE ÉFESO

E a mim, caro patrão, não deram nada; mas concordo em que vós ficastes fora.

ADRIANA

Mentes, vilão dissimulado, tanto num caso como no outro.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Prostituta dissimulada, és falsa em todos eles. Estás mancomunada com este bando de desclassificados, para objeto me fazeres de opróbrio. Mas com as unhas vou arrancar-te os olhos mentirosos, que com minha vergonha se divertem.

ADRIANA

Oh, amarra-o! Não deixeis que o faça!

PINCH

Venha mais gente! O diabo é muito forte.

LUCIANA

Que olhar! Como está pálido o coitado!

(Entram três ou quatro homens e amarram Antífolo de Éfeso)

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Ireis assassinar-me? Carcereiro, deténs-me e ora permites que me amarrem?

OFICIAL DE JUSTIÇA

Mestres, deixai-o livre; ele se encontra sob minha guarda; não podeis prendê-lo.

PINCH

Atai também o criado; está maluco.

(Amaram Drômio de Éfeso)

ADRIANA

Oficial insensato, que pretendes? Tens alegria à vista de um coitado que a si mesmo se ultraja e faz violência?

OFICIAL DE JUSTIÇA

Ele é meu prisioneiro; se o levardes, de mim exigirão quanto ele deve.

ADRIANA

Antes de ir, desobriço-te de tudo. Leva-me ao seu credor, para que eu saiba quanto ele deve e a dívida resgate. Meu bom mestre doutor, levai-o a casa com toda a segurança. Oh dia infame!

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Oh prostituta infame!

DRÔMIO DE ÉFESO

Mestre, por vós me vejo agora preso.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Cala-te, biltre, que me deixas louco.

DRÔMIO DE ÉFESO

Quereis que vos amarrem sem motivo? Ficai louco e gritai: Aqui, diabo!

LUCIANA

Quanta tolice esses coitados dizem!

ADRIANA

Levai-os logo. Irmã, vinde comigo. (*Saem Pinch, os criados, Antífolo de Éfeso e Drômio de Éfeso*) Dizei: à ordem de quem foi ele preso?

OFICIAL DE JUSTIÇA

De um tal Ângelo, ourives. Conhecei-lo?

ADRIANA

Conheço, sim; e a quanto monta a dívida?

OFICIAL DE JUSTIÇA

A duzentos ducados.

ADRIANA

De que compra?

OFICIAL DE JUSTIÇA

De uma cadeia que lhe encomendara vosso marido.

ADRIANA

Soube que ele havia feito a encomenda para mim; contudo, nunca vi a cadeia.

CORTESÃ

Pouco tempo depois de entrar, furioso, em minha casa vosso marido e arrebatou-me a joia — a mesma que lhe vi no dedo há pouco — com uma cadeia ao colo o vi de novo.

ADRIANA

É bem possível; porém nunca a vi. Ao ourives levai-me, carcereiro; quero ficar a par de tudo o que houve.

(Entram Antífolo de Siracusa e Drômio de Siracusa, com espadas desembainhadas)

LUCIANA

Deus nos acuda! Estão de novo soltos!

ADRIANA

E de espadas na mão! Chamai mais gente, para os prender.

OFICIAL DE JUSTIÇA

Vão nos matar; fujaamos.

(Saem Adriana, Luciana e o oficial de justiça)

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Pelo que vejo, as duas feiticeiras a espada as amedronta.

DRÔMIO DE SIRACUSA

A que queria ser vossa esposa, agora vos evita.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Vai ao Centauro e tira as nossas coisas. Não vejo a hora de entrarmos no navio.

DRÔMIO DE SIRACUSA

Ora, senhor, ficai mais esta noite; não nos farão nenhum mal. Bem vedes que nos dirigem palavras amáveis, dão-nos dinheiro... Parece tratar-se de uma nação muito amável; se não fosse a tal montanha de carne louca, que me reclama para esposo, não importaria de viver aqui e virar bruxo.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Nem por toda a cidade eu passo a noite neste lugar. Por isso, não demores: vai logo pôr a bordo nossas coisas. *(Saem)*

ATO V

CENA I

Uma rua defronte da Abadia. Entram o mercador e Ângelo.

ÂNGELO

Fico triste por ter-vos retardado; mas, em verdade, posso asseverar-vos que lhe dei a cadeia, embora o negue por maneira tão fria e desonesta.

MERCADOR

Em que conceito é tido na cidade?

ÂNGELO

No mais alto; é de crédito infinito, muito estimado, de impoluto nome; na cidade é o primeiro, sempre, em tudo. Uma palavra sua, em qualquer tempo, me faria empenhar toda a fortuna.

MERCADOR

Falai baixo; ei-lo aqui, se não me engano.

(Entram Antífolo de Siracusa e Drômio de Siracusa)

ÂNGELO

Justamente, e ao pescoço traz a mesma cadeia que por modo tão monstruoso negou ter recebido. Ficai perto de mim; vou lhe falar. Senhor Antífolo, muito me admira o incômodo e a vergonha que me causastes — não sem vos manchardes algum tanto — por terdes protestado sob juramento e com tamanho afinco, não vos ter eu entregue essa cadeia que ao pescoço trazeis com tal descaso. Além da queixa, da prisão, do opróbrio por que passei, causastes a este amigo grande prejuízo, pois a não ter sido impedido por nossa controvérsia, a estas horas se achara velejando. Dei-vos essa cadeia, não é certo?

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Creio que sim; jamais neguei tal coisa.

MERCADOR

Negastes, sim senhor, sob juramento.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Quem foi que ouviu, quando eu jurei tal coisa?

MERCADOR

Eu próprio o ouvi; bem sabes que é verdade, miserável. Que opróbrio! Teres vida para te ombreares com pessoas sérias!

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Não passas de um vilão, por me acusares dessa maneira. Provarei minha honra e minha honestidade agora mesmo, se tiveres o ousio de enfrentar-me.

MERCADOR

Tenho, vilão! Aceito o desafio.

(Sacam das espadas. Entram Adriana, Luciana, a cortesã e outros)

ADRIANA

Parai, por Deus! Não o firais! É louco! Segurai-o por trás! Tomai-lhe a espada! Amarraí Drômio e a casa levai ambos.

DRÔMIO DE SIRACUSA

Mestre, corramos, pelo amor de Deus! Procuremos abrigo em qualquer casa. Aqui perto há um convento; entremos nele; do contrário, estaremos liquidados.

(Antífolo de Siracusa e Drômio de Siracusa se acolhem à Abadia. Entra a Abadessa)

ABADESSA

Boa gente, acalmai-vos. Por que causa vos reunis aqui?

ADRIANA

Para levarmos meu infeliz marido, que está louco. Permitti-nos entrar, porque possamos amarrá-lo e levá-lo para casa, e ele a razão recuperar consiga.

ÂNGELO

Percebi logo que ele não estava em seu perfeito juízo.

MERCADOR

Ora lastimo ter lançado contra ele mão da espada.

ABADESSA

Há quanto tempo anda ele assim possesso?

ADRIANA

Passou toda a semana fatigado, aborrecido, triste, nas menores coisas muito Outro do que ser costuma. Mas somente hoje à tarde a sua doença chegou a esses acessos de loucura.

ABADESSA

Não perdeu muitos bens nalgum naufrágio? Não teria enterrado algum amigo? Acaso os olhos não lhe ensejariam ao coração algum amor ilícito? É pecado frequente nos mancebos que dão aos olhos muita liberdade. Por qual destas razões sofre ele agora?

ADRIANA

Por nenhuma, a não ser, talvez, pela última, algum amor que o desviou de casa.

ABADESSA

Por isso, certamente, o repreendestes.

ADRIANA

Foi o que fiz, de fato.

ABADESSA

Mas com modos.

ADRIANA

Tanto quanto a modéstia o permitia.

ABADESSA

Em casa apenas, creio.

ADRIANA

Não; na frente de estranhos umas vezes.

ABADESSA

Mas não muitas.

ADRIANA

Era o assunto de todas as conversas. Tanto sobre isso eu lhe falava, que ele mal podia dormir; quando na mesa das refeições, de tanto eu falar nisso, não provava bocado; quando estava só comigo, era o assunto que eu puxava; se tínhamos visitas, atirava-lhe frequentes indiretas. A toda hora lhe dizia que ele era vil e mau.

ABADESSA

De aí ter acabado ele maluco. As queixas venenosas de uma esposa ciumenta são de efeito mais nocivo do que dentada de cachorro louco. Parece que essas rixas o impediam de dormir; eis a causa de ter ele ficado com o juízo perturbado. Disseste que ele, às refeições, só tinha censuras por tempero. Ora, quem come sem a calma precisa, não digere, de onde se originarem grandes febres. E a febre que é, senão um grande acesso de loucura? Disseste que o repouso lhe perturbavas sempre com censuras. Quando o recreio ameno é perturbado, que se segue senão tristeza e funda melancolia, irmã do desespero mais inquieto e feroz? No rasto deste segue uma tropa imensa de moléstias, de pálidas desordens, de inimigos da vida humana. A consequência é clara: perturbações à mesa ou no repouso o mais cordato ser deixam furioso. Assim, foi tão somente o teu ciúme que perturbou do esposo o claro lume.

LUCIANA

Ela só o repreendia com brandura, e ele com voz lhe respondia dura. Deixais tantas censuras sem resposta?

ADRIANA

É que ela em mim faz despertar remorsos. Entrai, amigos, e amarraí-o firme.

ABADESSA

Jamais; em minha casa ninguém entra.

ADRIANA

Dizei aos servos, pois, que o tragam logo.

ABADESSA

Não, que ele se acolheu a um lugar santo. De vossas mãos deve ficar seguro, até que a razão eu possa devolver-lhe, ou desista do esforço, por inútil.

ADRIANA

Eu, só, quero tratar do meu marido, ser a enfermeira na doença dele; nisso não quero ter quem me auxilie. Deixai, assim, que a casa mo conduzam.

ABADESSA

Ficai calma. Impossível é entregá-lo sem lançar mão, primeiro, dos recursos de que disponho: drogas benfazejas, xaropes, orações, porque consiga reconduzi-lo à dignidade humana. É ramo e parte do meu voto sacro, caridoso dever da ordem que sirvo. Deixai-o, pois, comigo e ide tranquila.

ADRIANA

Não sairei daqui, deixando o esposo. Não fica bem à vossa santidade separar da mulher o seu marido.

ABADESSA

Não insistais, que dar-vo-lo não posso. (*Sai*)

LUCIANA

Ao duque vos queixai dessa violência.

ADRIANA

Vou procurá-lo e aos pés prostrar-me dele até que minhas lágrimas e preces demovam Sua Graça a, pessoalmente, tomar desta abadessa meu marido.

SEGUNDO MERCADOR

Se estou certo, o quadrante do relógio marca cinco horas, o momento exato de por aqui passar o próprio duque para o vale da morte, o melancólico lugar da execução dos condenados, um pouco além dos fossos da abadia.

ÂNGELO

E que motivo o traz?

SEGUNDO MERCADOR

Vem assistir ao público espetáculo da decapitação de um reverendo siracusano, cujo triste fado trouxe à nossa baía, contra os duros estatutos e leis desta cidade.

ÂNGELO

De fato; ei-lo que chega. Vou ver isso.

LUCIANA

À passagem do duque cai de joelhos.

(Entra o duque com seu séquito; Egeu, de cabeça descoberta, o carrasco e auxiliares)

DUQUE

De novo proclamai: se algum amigo dele quiser pagar o seu resgate, ser-lhe-á perdoada a pena. Assim fazemos pela grande piedade que nos causa.

ADRIANA

Mui nobre duque, impetro-te justiça contra a abadessa!

DUQUE

É digna e mui virtuosa; nenhum mal poderá ter ela feito.

ADRIANA

Não desagrade a Vossa Graça: Antífolo, meu marido, que eu fiz senhor de todos os meus bens e de mim, seguindo nisso vossa carta imperiosa, foi, de súbito, tomado hoje — oh fatal e triste dia! — de um vergonhoso ataque de loucura, que o fez correr as ruas da cidade, causando aos transeuntes mil incômodos e entrando pelas casas, de onde joias tirava, anéis e o mais que lhe pudesse ser à fúria agradável. Pude, a custo, mandá-lo para casa, enquanto eu própria procurava pagar os prejuízos que, aqui e ali, sua fúria cometera. Nisso, não sei por que violentos meios, pôde escapar dos guardas que o detinham e, juntamente com o criado louco, tomados ambos de um violento acesso, de espadas nuas sobre nós caíram, a fugir nos forçando, até que auxílio buscássemos de novo. Nesse ponto entraram na abadia, onde os seguíramos, se a superiora a porta não fechasse, não permitindo que empós dele fôssemos nem deixando que a casa o conduzissem. Assim, determinei, gracioso duque, nos seja ele ora entregue, porque eu possa levá-lo para casa e tratar dele.

DUQUE

Teu marido me serve há muito tempo nos trabalhos da guerra. A ti me prende, desde quando o acolheste como esposo, minha palavra de honra de que sempre faria o que pudesse em prol de Antífolo. Algum de vós aí bata na porta da abadia e me chame a superiora. Antes de ir deixo o caso resolvido.

(Entra um criado)

CRIADO

Fugi, minha patroa, sem demora! Meu mestre e o criado estão outra vez soltos. Dão nas criadas, sem poupar nenhuma; o doutor amarraram; chamuscaram-lhe a barba com tições, e quando o fogo começava a subir, arremessaram sobre o coitado baldes de água

suja, para extinguir as chamas. O meu mestre lhe recomenda calma, enquanto o criado, como se faz com os loucos, o tosquia com uma grande tesoura. Se não fordes em auxílio do mísero, é certeza darem-lhe os loucos conta do canastro.

ADRIANA

Cala, imbecil! Teu mestre está aqui dentro; ele e o criado. Não sabes o que dizes.

CRIADO

Por minha vida, estou falando sério; mal respirei, depois daquela cena. Grita por vós e jura que se, acaso, conseguir vos pegar, há de queimar-vos o rosto e vos deixar desfigurada. (*Ouvem-se gritos dentro*) Ouço-o! Fugi, senhora, sem delongas!

DUQUE

Fica junto de mim; não tenhas medo. Guardas com alabardas, aqui perto!

ADRIANA

Oh Deus! E meu marido! Testemunhas sede de que, invisível, ele pôde transportar-se pelo ar. Neste momento vimo-lo entrar ali, e ora está fora! Isso ultrapassa o entendimento humano.

(*Entram Antífolo de Éfeso e Drômio de Éfeso*)

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Justiça, grande duque! Eu te suplico: concede-me justiça por aquele serviço que te fiz quando, na guerra, recebi fundo golpe por salvar-te. Pelo sangue que, então, por tua causa de mim se escoou, concede-me justiça.

EGEU

Se o medo à morte não me faz caduco, vejo meu filho Antífolo com Drômio.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Justiça, doce príncipe, contra essa mulher que tu me deste como esposa. De mim ela abusou, fez-me alta injúria, desonrou-me, tratou-me com tal fúria, que conceber não pode a mente humana tudo o que hoje me fez essa megera.

DUQUE

Conta o que houve e acharás em mim justiça.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Hoje, senhor, ela fechou-me a porta, para se banquetear com gente à-toa, dentro de minha casa.

DUQUE

A falta é grave, muito grave. É verdade o que ele disse?

ADRIANA

Não, meu bom lorde; eu, ele próprio e a mana jantamos juntos hoje. Morrer quero, se tudo o que ele diz não for mentira.

LUCIANA

Não quero ver jamais a luz do dia, nem repousar à noite, se verdade não for quanto ela disse a Vossa Alteza.

ÂNGELO

Quanta mentira! As duas são perjuras; fala a verdade o louco neste ponto.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Meus soberanos, eu sei o que vos digo; o vinho não me turva o entendimento; não me transtorna a cólera furiosa, muito embora os ultrajes a mim feitos pudessem deixar louco o homem mais sábio. Esta mulher deixou-me hoje na rua, quando eu ia jantar, o que este ourives confirmar poderia, se não fosse com ela estar mancomunado agora, pois ele me deixou neste momento para ir buscar uma cadeia, tendo prometido levá-la ao Porco-espinho, onde eu e Baltasar então jantamos. Não tendo aparecido, após a mesa saí a procurá-lo e, em companhia do senhor que aqui está, o achei na rua. Então jurou-me

este astucioso ourives que entrega me fizera da cadeia que, Deus o sabe, nunca e nunca eu vira. Sob essa acusação mandou prender-me. Obedeci-lhe e, sem demora, a casa enviei meu servo empós de alguns ducados, que ele não trouxe. Então, em termos brandos falei ao oficial para que, juntos, fôssemos até casa. Em caminho, porém, nós encontramos minha mulher, a irmã e uma caterva de cúmplices. Com eles vinha um tipo denominado Pinch, um magricela, espécie de esqueleto, um saltimbanco, um charlatão e tirador de sortes, um pobre diabo de olhos encovados, um biltre de olhar baço, um morto-vivo. Pensai só que esse escravo amaldiçoado se arvorou a exorcista e, de olhos fixos nos meus, tomou-me o pulso e, com seu todo de alma penada, a me fitar, me disse que eu estava possesso. Nisso, todos caíram sobre mim, as mãos me ataram, amarraram-me os pés, e, juntamente com meu servo, também todo ele atado, nos puseram num quarto úmido e escuro. Com os dentes pude desfazer os laços e libertar-me, vindo *in continenti* procurar Vossa Graça, a quem suplico que se me dê satisfação completa de tanta ofensa e de tão grande opróbrio.

ÂNGELO

Posso afirmar, milorde, que, em verdade, hoje jantar ele não pôde em casa.

DUQUE

Mas recebeu, ou não, tua cadeia?

ÂNGELO

Sim, milorde; ao pescoço ele a trazia, quando por nós passou; todos a viram.

SEGUNDO MERCADOR

Posso, demais, jurar que vos ouvi com estes ouvidos, confessar que tínheis a aludida cadeia, ao passo que antes, no mercado, dissestes o contrário. Foi então que eu fiz uso desta espada e fostes refugiar-vos na abadia, de onde saístes, penso, por milagre.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Jamais entrei os muros da abadia, nem nunca a espada contra mim tirastes. O céu me é testemunha de que nunca vi nenhuma cadeia. Tudo quanto contra mim assacastes é mentira.

DUQUE

Quanto complicação! Até parece que a provar vos deu Circe a beberagem. Se na abadia ele tivesse entrado, ainda estaria lá. Se fosse louco, não poderia discorrer com tanto sangue-frio e coerência. Assegurastes que ele jantou em casa; mas o ourives afirma o oposto. E vós, que dizeis disso?

DRÔMIO DE ÉFESO

Ele e aquela mulher jantaram juntos, no Porco-espinho.

CORTESÃ

E fato; foi quando ele me arrebatou do dedo aquele anel.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

É certo, nobre duque; o anel é dela.

DUQUE

Viste quando ele entrou nesta abadia?

CORTESÃ

Tão certo como vejo Vossa Graça.

DUQUE

É estranho. Ide chamar a superiora. (*Sai uma pessoa do séquito*) Se não estais variando, enlouquecestes.

EGEU

Mui poderoso duque, uma palavra me seja permitida. Ali percebo o amigo que me vai salvar a vida, por mim pagando a multa cominada.

DUQUE

Fala, siracusano, o que quiseres.

EGEU

Por obséquio, senhor, não sois Antífolo? E não se chama Drômio aquele escravo que a vós está ligado?

DRÔMIO DE ÉFESO

Até há uma hora ligado a ele estava. Mas por sorte — devo-lhe esse favor — roeu-me a corda. Ora sou Drômio, escravo desligado.

EGEU

Penso que ainda vos lembrais de mim.

DRÔMIO DE ÉFESO

Vendo-vos, nos lembramos de nós mesmos, pois até há pouco estávamos atados, como ora vos achais. Pelo que vejo, Pinch vos pôs também no seu regime.

EGEU

Por que me olhais dessa maneira? Penso que sabeis quem eu sou.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Até este instante jamais vos tinha visto em toda a vida.

EGEU

É que a tristeza me alterou bastante dès que nos separamos. As cuidosas horas e o tempo com sua mão deforme me deixaram no rosto estranhos sulcos. Mas respondi se pela voz, ao menos, não vos lembrais de mim.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Não.

EGEU

E tu, Drômio?

DRÔMIO DE ÉFESO

Tampouco eu, meu senhor.

EGEU

Tenho certeza de que de mim te lembras.

DRÔMIO DE ÉFESO

Ora, senhor, e eu tenho certeza de que não me lembro. E quando uma pessoa vos nega alguma coisa, será forçoso ficardes atado à sua palavra.

EGEU

Não me conhece a voz? Ó tempo ingrato! De tal maneira a língua me fendeste nestes curtos sete anos, que meu único filho não reconhece o som rachado de minhas desentoadas amarguras? Embora tenha o amarfanhado rosto recoberto de neve floconosa do inverno destruidor da seiva viva, e congelados já me estejam todos os condutos do sangue, ainda me resta nesta noite de vida algum resquício da memória de outrora, minha lâmpada quase extinta ainda emite uma luz tênue, ainda ouve alguma coisa o ouvido mouco. E todas essas testemunhas dizem — não posso errar — que tu és meu filho Antífolo.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Não vi meu pai em toda a minha vida.

EGEU

Entanto, sabes, jovem, que há sete anos, me separei de ti em Siracusa. Sim, compreendo, meu filho: é que te acanhas de me reconhecer nesta miséria.

ANTÍFOLO

O duque e todos quantos me conhecem podem dar testemunho do que afirmo. Jamais vi Siracusa em toda a vida.

DUQUE

Posso te assegurar, siracusano, que, há vinte anos, Antífolo é meu súdito e que ele nunca esteve em Siracusa. Vejo que a muita idade e os sofrimentos te fizeram perder de todo o juízo.

(Volta a Abadessa com Antífolo de Siracusa e Drômio de Siracusa)

ABADESSA

Mui poderoso duque, olhai este homem que tem sofrido muitas injustiças.

(Todos se aproximam para olhá-lo)

ADRIANA

Ou vejo mal, ou vejo dois maridos.

DUQUE

Um destes indivíduos gênio é do outro. Dá-se o mesmo com aqueles. Mas quem pode dizer qual seja o espírito, qual o homem!

DRÔMIO DE SIRACUSA

Drômio sou eu, senhor; mandai-o embora.

DRÔMIO DE ÉFESO

Drômio sou eu; não permitais que eu saia.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Não sois Egeu? Ou acaso sois o espírito dele somente?

DRÔMIO DE SIRACUSA

Ó meu antigo mestre! Quem foi que vos atou dessa maneira?

ABADESSA

Fosse quem fosse, a mim cumpre soltá-lo dessas cadeias, para que um marido, com sua liberdade, a ganhar venha. Dize-me, velho Egeu, se já tiveste por esposa uma Emília, que dois gêmeos te brindou de uma vez, dois lindos filhos? Oh! Se és o mesmo Egeu, fala-me! fala-me que aqui tu vês aquela mesma Emília.

EGEU

Se não estou sonhando, tu és Emília. Se és ela mesma, dize onde está o filho que contigo flutuou no fatal mastro?

ABADESSA

Eu, ele e Drômio fomos recolhidos por gente de Epidamno. Pouco tempo depois, no entanto, rudes pescadores de Corinto tomaram-lhes meu filho, juntamente com Drômio, entre os primeiros me deixando sozinha. Qual tivesse sido a sorte dos dois, não sei dizer-te; a mim coube a fortuna que contempas.

DUQUE

Isso completa a história começada nesta manhã. Estes irmãos Antífolos tão parecidos, e os dois gêmeos Drômios, que não se diferenciam, e o naufrágio a que ela se refere... Os pais são estes destes dois filhos que, por coincidência, aqui juntos estão. Dize-me, Antífolo: era Corinto teu lugar de origem?

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Não, milorde; eu cheguei de Siracusa.

DUQUE

Não vos distingo; põe-te deste lado.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

De Corinto eu cheguei, gracioso lorde...

DRÔMIO DE ÉFESO

E eu com ele.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Em companhia do guerreiro excelso, Duque de Menafon, vosso alto tio.

ADRIANA

Qual de vós dois jantou hoje comigo?

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Fui eu, senhora.

ADRIANA

Sois o meu marido?

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Não; respondo por ele.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

O mesmo eu digo. No entanto, ela de esposa me chamava, como de irmão esta gentil menina, sua irmã. (*A Luciana*) Tudo quanto então vos disse pretendo confirmar com mais sossego, se sonho não for tudo que ouço e vejo.

ÂNGELO

Senhor, essa é a cadeia que eu vos dei.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Creio que sim; não penso em contestá-lo.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

E vós, senhor, por ela me prendestes.

ÂNGELO

Creio que sim; não penso em contestá-lo.

ADRIANA

Mandei pagar por Drômio vossa fiança; mas temo que ele não a tenha pago.

DRÔMIO DE ÉFESO

Por mim não.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Recebi esta bolsa de ducados por vós enviada por meu servo Drômio. Vejo agora que os servos nós trocamos; eu passava por ele e ele por mim; de aí terem nascido tantos erros.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Libertarei meu pai com esses ducados.

DUQUE

Não é preciso; a vida eu lhe concedo.

CORTESÃ

Meu diamante, senhor, restitui-me.

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Ei-lo aqui; muito grato pela festa.

ABADESSA

Famoso duque, dai-vos ao trabalho de ir conosco à abadia, porque a história possais ouvir de quanto nós passamos. E todos vós que estais aqui reunidos, a quem os erros de um só dia foram causa de sofrimentos, também vinde, que eu vos darei satisfação cabal. Durante trinta e três anos seguidos sofri por vós, meus filhos, só me tendo livrado de meu sofrimento neste instante. O duque, meu marido, meus dois filhos, e vós ambos, também, os calendários do nascimento deles, vinde todos. À vossa a minha dita se associa; grande, imensa será nossa alegria.

(Saem o duque, a abadessa, Egeu, a cortesã, o mercador, Ângelo e pessoas do séquito)

DRÔMIO DE SIRACUSA

Mestre, trago de bordo as vossas coisas?

ANTÍFOLO DE ÉFESO

Que coisas minhas, Drômio, estão a bordo?

ANTÍFOLO DE SIRACUSA

Isso é comigo. Drômio, eu sou teu mestre. Vem comigo; depois tratamos disso. Abraça teu irmão e fica alegre.

(Saem Antífolo de Siracusa e Antífolo de Éfeso, Adriana e Luciana)

DRÔMIO DE SIRACUSA

Aquela cozinheira gordanchuda da casa de teu amo, que hoje à tarde me tratou com quitutes, de hoje em diante irmã minha vai ser, não minha esposa.

DRÔMIO DE ÉFESO

Não pareceis meu mano, mas o espelho em que me esteja vendo: um belo tipo, realmente! Não quereis ir à abadia, para ouvir relatar nossas histórias?

DRÔMIO DE SIRACUSA

Sim, mas primeiro vós; sois o mais velho.

DRÔMIO DE ÉFESO

É uma questão. Mas como decidi-la?

DRÔMIO DE SIRACUSA

Vamos tirar a sorte para o título da primogenitura. Mas enquanto não decidirmos isso, ficais sendo de nós dois o mais velho.

DRÔMIO DE ÉFESO

Então, desta arte: Se, como irmãos, ao mundo em boa hora viemos, de mãos dadas, agora, a esta abadia entremos. *(Saem)*



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com